

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Ramos Soares, André Luis

Pelo fim do Frankenstein Guarani

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.
16, núm. 2, mayo-agosto, 2012, pp. 767-790

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526885018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Pelo fim do Frankenstein Guarani *

André Luis Ramos Soares **

Resumo. Este artigo trata da construção histórica da denominação “grupo Guarani” empregado em bibliografia histórica. Muitas informações, sistematizadas para fins de compreensão dos assentamentos arqueológicos dos índios, foram incorporadas ao discurso de arqueólogos e historiadores como sendo grupos aparentados e representantes de uma única sociedade no passado. Este artigo discute estas sistematizações, que não consideraram as diferenças espaciais, temporais e étnicas construindo assim um “Frankenstein” Guarani composto por fragmentos de informações advindas de sociedades na qual o único parentesco é ter sido denominadas de “guaranis” sem considerar as distâncias linguísticas, religiosas, temporais e espaciais que estas sociedades apresentavam.

Palavras-chave: Guarani; Etnografia; História; Arqueologia.

Towards a final solution to the Guarani Frankenstein

Abstract. Current essay deals with the historical construct of the so-called “Guarani group,” common in historical bibliography. Systematized to understand Amerindian archeological settlements, a great deal of information on the Guarani was incorporated to the archeologists’ and historians’ discourse as if the Guaranis were a single society in the past. Discussions ensue on the fact that these systematizations do not take into account the spatial, temporal and ethnic differences. Consequently, a Guarani Frankenstein was construed, composed of fragments from societies whose single and common denominator is the name “Guarani”, without any considerations on the linguistic, religious, temporal and spatial distances that these societies represent.

Keywords: Guarani; Ethnography; History; Archeology.

* Artigo recebido em 09/12/2011. Aprovado em 27/12/2011.

** Doutor em História pelo MAE/USP. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil. E-mail: alrsoaressan@gmail.com

Por el fin del Frankenstein Guaraní

Resumen. Este artículo trata de la construcción histórica de la denominación “Grupo Guaraní”, utilizado en la bibliografía histórica. Muchas informaciones sistematizadas con el fin de comprender los asentamientos arqueológicos indígenas fueron incorporadas al discurso de arqueólogos e historiadores como si fueran grupos representantes de una única sociedad en el pasado. Este artículo discute dichas sistematizaciones que no consideran las diferencias espaciales, temporales y étnicas, construyendo así un “Frankenstein” Guaraní, compuesto por fragmentos de informaciones sobre sociedades cuyo único parentesco es el de haber sido denominadas de guaraníes, sin considerar las distancias lingüísticas, religiosas, temporales y espaciales entre las mismas.

Palabras clave: Guaraní; Etnografía; Historia; Arqueología.

Introdução

Quando se trata dos Guaranis, várias abordagens são possíveis, sendo as mais usuais as abordagens arqueológica, antropológica e etno-histórica, pelo menos por parte dos arqueólogos. Infelizmente uma visão realmente interdisciplinar ainda é vista com ressalvas no meio acadêmico, e aproximações com outras áreas, ou seja, uma interpretação antropológica ou histórica aos sítios arqueológicos não passou do limite dos anos 1950. Com isso quero dizer que, mesmo em abordagens que se imaginam antropológica ou histórica, estas são conforme as teorias de meados do século XX.

Em muitos casos, a questão da sociedade Guaraní sempre foi tratada monoliticamente, de forma a considerar a cultura material representante de uma língua e um povo (crítica em SCHIAVETTO, 2002), desafiando a lógica e o bom senso de imaginar um grupo mantendo-se inabalável por uma área de mais de 1.500 km de extensão por 500 km de largura, como provam os registros desde Campo Grande (MS) até Buenos Aires (República Argentina) e desde o *chaco* paraguaio até o litoral paulista, em se tratando apenas dos índios Guaranis

(crítica em SOARES, 2003). Ao mesmo tempo, como citado por Eremitas de Oliveira (2007, p.99), é provável que o Guarani genérico criado na academia provavelmente nunca existiu. Isto é reforçado pela ideia de monolitismo histórico, etnográfico e cultural, criticado por Pacheco de Oliveira (1998), quando afirma que “as sociedades indígenas são efetivamente contemporâneas àquela do etnógrafo”, criticando ao mesmo tempo o tratamento dado às sociedades indígenas como em eterna “longa duração”, esquecendo a diversidade e heterogeneidade própria das mesmas. Ao mesmo tempo, como destaca Lima (2007), deve-se pensar que a criação de um Guarani monolítico também atendia a questões sociais e políticas para evitar demandas de reconhecimento de áreas indígenas.

Embora propagada uma inter, multi ou transdisciplinaridade na arqueologia, o que temos percebido é que os modelos sociais advindos da antropologia ainda não subsidiaram, com consistência, propostas interpretativas em arqueologia, como proposto anteriormente (SOARES, 1996; 1997). Assim, podem-se perguntar quais são os limites entre os enfoques disciplinares focalizando os guaranis sob o viés da História, da Etnografia e da Arqueologia? Nesta pergunta, remeto a diversas questões relativas à antropologia e à história indígena, sobre o uso das analogias em arqueologia como elementos válidos para interpretação dos artefatos, dos sítios e das unidades ecológicas no entorno (PALLESTRINI, 1975).

A interpretação dos dados arqueológicos guaranis é objeto de pesquisa de longa data nos países do Cone Sul. Na proposta de Branislava Susnik, os guaranis arqueológicos deveriam ser tratados de forma francesa. De fato, até suas últimas publicações (1975; 1979/1980), ela se referia aos guaranis como “altoparanaenses”, “guaraienses”, “guayraenses”, “tapés”, “paranáes”, “itatines”, colocando a espacialidade enquanto demarcador, a exemplo do “achelense”, “solutrense”, “magdalenense” etc.

Esta discussão foi rejeitada pelo Pronapa, disfarçada pela criação de mais de 60 fases na tradição Tupi-guarani que, de tanto questionadas, abririam espaço para o problema social da interpretação cerâmica, conforme Meggers e Evans (1985), o que não avançou na discussão.

Dessa forma, durante o Pronapa negou-se, embora conscientemente, a ligação entre os grupos humanos e os artefatos arqueológicos por aqueles produzidos. Os motivos que levaram a esta conduta podem ser buscados no momento político dos anos 1960, no atrelamento e subserviência da pesquisa nacional à americana ou ainda à incipiente arqueologia científica no país (FUNARI, 1999a; 1999b).

Ainda, é importante ressaltar como este paradigma tem sido desconstruído: ou seja, como, atualmente, os pesquisadores mostram ou buscam mostrar a ligação direta, inequívoca e unilinear entre os grupos guaranis etno-históricos e arqueológicos, baseando-se nos dados etnográficos e linguísticos.

O Guarani etno-histórico

Com base nas descrições históricas, realizadas por viajantes, jesuítas, exploradores, demarcadores e toda sorte de mercenários, os arqueólogos buscam vestígios de comportamento social ou material que indiquem o modo de viver guarani (NOELLI, 1993; SOARES, 1996). Se esta proposta é amplamente válida e aceita para o período de contato com o europeu, entre 1620 e 1800 (data dos documentos mais abundantes), a extrapolação para o período imediatamente anterior ao contato torna-se uma especulação aceita, porém questionável.

Ora, se o parentesco linguístico é inquestionável, o mesmo não se pode dizer da cultura material. Baseados nos milhares de fragmentos corrugados, ungulados, pintados e espatulados é que foi criada a tradição

Tupi-guarani. Ao mesmo tempo, se eram reconhecidas as distintas parcialidades em nível etno-histórico, esta nunca foi uma preocupação em nível arqueológico. Os dados etno-históricos, por exemplo, tratam de grupos diferentes em locais diferentes e tempos diferentes. Em termos de pesquisa arqueológica, estas diferenças foram eliminadas em nome do parentesco linguístico e semelhança da cerâmica, que era o indicador cultural para os guaranis.¹

É importante resgatar estes aspectos porque, no momento que se trata dos grupos guaranis, dois pontos devem ser destacados: a) Guarani enquanto língua, o que justificaria a homogeneização de Vanhagen (1876), na tradução de Montoya, ao afirmar que o dicionário é “*Tesoro de la Lengua Guarani, ó más bien Tupi*” (1876); b) Guarani enquanto identidade étnica, e então seria necessário remeter as parcialidades, culturais e materialmente distintas (SOARES; GARLET, 1998; MELIÀ; GRÜNBERG; GRÜNBERG, 1976; MELIÀ; SAUL; MURARO, 1987; MÜLLER, 1989).

Desta maneira, o guarani de Montoya, escrito em um local específico e momento histórico e conjuntura definida, é “alastrado” como válido e onipresente para toda a gama de elementos considerados como “cultura guarani”.

Neste ponto, defende-se, como já citado (SOARES, 1996), que os dicionários são válidos para a terminologia de parentesco e organização social, em face da necessidade, empírica e real, de manejo das relações conjugais, os casamentos e graus de parentesco permitidos.

No entanto, poucos são os dicionários que, sob esta ótica, podem ser utilizados. As gramáticas e vocabulários são, sobretudo, “para entender e ser

¹ Veja os trabalhos de Brochado (1980; 1984; 1989; 1990). Os mapas linguísticos sempre foram referência para ocupação arqueológica. Ver crítica desta postura em Funari (1999a). Também discutir os limites desta identidade considerando as fronteiras étnicas propostas por Barth (1998).

entendido”, nas palavras do próprio Montoya. Ademais, relatam a experiência de diversos anos de catequese, servindo de compilação, momentânea, de diferentes e distintos grupos, como podemos observar (SOARES; GARLET, 1998).

Se o uso da documentação histórica é válido e deve ser perseguida, por outro lado não devemos estimular a utilização indiscriminada das fontes, criando assim um guarani construído a partir de fragmentos distante espaço-temporalmente, sob pena de se montar um “Frankenstein” que nunca existiu.

Neste sentido, observe-se a ligação direta e inequívoca entre os guaranis, como grupos a-históricos indistintos, ao contrário do que apresentarei adiante. Com este exemplo, observam-se, ainda, as grandes variantes culturais, mascaradas pela busca de uma grande nação guarani, com todo o ideário moderno, construído “no bojo dos estados nacionais a partir do século XVI: uma língua, uma nação, uma cultura”.²

As diferenças entre as diversas parcialidades guaranis ainda são alvo de pouca especulação e exploração no trato dos documentos até por que, no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, as nações são provas de reconhecimento a uma “avançada” condição de organização política dos povos tribais, percebendo-se claramente o tratamento dado aos “bandos”, “tribos” e “nações” do ponto de vista europeu.

Na visão europeia, a identificação de lideranças aos moldes ibéricos refletia a própria conduta com os parceiros europeus, de alianças e guerras de conquista. A América é só uma extensão da política ibérica, sem preocupação com a diferença cultural.

² Veja crítica extensa e pertinente em Funari, (1999a). Também Fausto (1997, p. 2): “O particularismo histórico e o difusionismo foram saindo de voga, sendo substituídos pelo culturalismo e pelo funcionalismo. Não se tratava mais de organizar similaridades e diferenças culturais em grande escala, mas de compreender o padrão cultural de um povo. A unidade de análise tendeu, assim, a coincidir com os grupos empíricos, formando-se o tripé: uma cultura, uma sociedade, um povo”.

A crítica ao uso de dados etno-históricos dos guaranis tem sido trabalhadas em toda a produção dos que deles se utilizam como fonte para análise ou interpretação dos índios guaranis (NOELLI, 1993; SOARES, 1999). Nas críticas, geralmente, faz-se referência ao eurocentrismo, à mentalidade dos viajantes seiscentistas (entre o Medievo e o Renascimento), à postura em relação ao índio enquanto não-humano, entre várias outras (MELIÀ, 1988). Assim, viajantes, exploradores, militares, religiosos e toda a sorte de descrições têm sido utilizadas por arqueólogos como fonte obrigatória e primária, quase superior à cultura material deixada pelos próprios índios.

Isto deve ser dito porque, se por um lado a cultura material tem sido descrita por meio da cerâmica e uns poucos líticos como artefatos arqueológicos, por outro lado a documentação histórica é batizada de “fonte primária”, como se os artefatos não o fossem. Mais adiante, retomarei este ponto longamente em detalhe.

Mesmo assim, em se tratando de cultura material e costumes, diversos dados, tidos como excêntricos ou exóticos, têm sido aceitos como válidos para a compreensão do “modo de ser” guarani.

Mesmo que se tenha realizado diversas críticas, é necessário escrever e discorrer um pouco sobre a questão da documentação histórica.

1. são pontuais;
2. são aleatórias;
3. não são necessariamente válidas;
4. são ideológicas.

São pontuais porque as informações se referem a viagens de poucos anos, de caráter exploratório, com visões idiossincráticas que relatam grupos humanos sem discernimento de grupos ou mesmo, em alguns casos, de língua. Não são raros os relatos de contatos entre europeus e índios na “língua geral”, o que inviabiliza a identificação étnica do grupo.

São aleatórias porque não são sistemáticas. Desta forma, são tratados da mesma forma os documentos do início e final dos séculos XVI, XVII e XVIII, desprezando-se, assim, o impacto direto e indireto do contato, efeitos das epidemias e endemias na organização sócio-política (NOELLI; SOARES, 1997a; 1997b), bem como as distâncias espaço-temporais entre os informes. Sendo assim, construiu-se uma “colcha de retalhos”, nas palavras de Carlos Fausto (1992) sobre as informações disponíveis.

Não são necessariamente válidas. O exótico foi utilizado para legitimar as atividades exploratórias e colonizadoras, de forma que é sabido que parte das descrições não são verídicas ou podem ser interpretadas de forma diferente a partir dos dados coletados. Assim, nem todas as informações, em virtude da situação criada pelo contato, podem ser consideradas válidas, seja pela inocência daquele que escreve ou daquele que lê. Neste sentido, o caráter das descrições pode redundar em interpretações falaciosas ou tendenciosas por má interpretação do documento, enquanto distanciado do contexto e da conjuntura de sua escrita.

São ideológicas, no sentido que o espírito exploratório seiscentista será substituído, no olhar historiográfico, pelo colonizador. Daí, parte que o “beau sauvage” rousseauiano se transforme em bárbaro sem fé, lei ou rei. Quando as alianças entre cunhados foram substituídas pela escravidão, todas as relações sociais são redimensionadas, e a organização do parentesco ainda deve ser estudada sob a ótica das mudanças pré e pós-contato. Desta forma, e pelo desconhecimento quase completo destas mudanças, perde-se um sem número das consequências que estas posturas acarretam.

Uma proposta de guarani etno-histórico

Para os exclusivos efeitos deste artigo, propõe-se estabelecer um guarani etno-histórico, ou seja, a consolidação de dados, informações e

descrições sobre grupos guaranis ou falantes da língua guarani, distribuídos ao longo do território do Cone Sul, registrados por fontes históricas dos séculos XVI, XVII e XVIII. Segundo as fontes mais conhecidas³, esses guaranis se distribuem ao longo dos grandes cursos d'água, desde o Estado do Mato Grosso até o estuário do Rio da Prata, compreendendo assim as bacias e contribuintes dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e Jacuí, além do litoral da região Sul do Brasil, bem como as regiões Nordeste da Argentina e o Uruguai (BROCHADO, 1980; 1984; 1989; 1990; 1991).

Também consideraremos como fontes válidas para o conhecimento das sociedades guaranis etno-históricas as informações advindas do período missioneiro, isto é, de 1622 a 1801, quando se estabelecem as fronteiras meridionais entre os Estados emancipados dos impérios ibéricos. Assim, propomos que as analogias etno-históricas sejam conduzidas de modo a envolver sítios próximos ou dentro do período histórico (séc. XIV a XVII), ressalvado o caso da região de pesquisa possuir informações históricas e considerando as transformações advindas do contato com os europeus.

Ainda devemos ter em conta que este guarani etno-histórico não representa o guarani pré-contato, mesmo porque, as epidemias, endemias e guerras de extermínio envolveram os índios muitas vezes antes do contato direto com os europeus, como provam os “vazios demográficos” registrados em alguns pontos. Deve-se ter em conta, assim, que as descrições, além de todas as críticas, podem adulterar os relatos em relação ao período anterior.

O guarani etnográfico

Embora a bibliografia jesuítica tenha sido (e ainda seja) de inestimável valor para o conhecimento das sociedades guaranis que passaram pela

³ Veja relação das fontes históricas em Melià, Saul e Muraro (1987); Noelli (1993) e Soares (1996).

experiência reducional, o lapso compreendido entre os anos de 1801 e 1900 é pouco conhecido na bibliografia histórica. Para fins de analogia, a documentação jesuítica é tida como referência (sem ter caráter absoluto), do comportamento residual dos guaranis em tempos ditos modernos. Após a guerra guaranítica e o fim da administração leiga, os guaranis reduzidos são novamente objetos de estudo, frente a total ausência de dados sobre os não-reduzidos, conforme consta nas mesmas ânuas que descrevem os “tupis selvagens” na bacia Platina.

Esta observação é pertinente porque, se por um lado os guaranis reduzidos são utilizados em nível de analogia etnográfica, persiste certo olvido quanto ao fato de que, após 1627 e a instalação definitiva no Tape, as gerações de guaranis nascidos nas missões terão maior influência reducional, essencialmente mais forte e perene que seus ancestrais. Se for notório que houve diversos traços marcantes no *ñande reko* que persistiram, por outro lado devo ressaltar que os índios da segunda fase, a partir de 1682, terão forte viés sincrético, sobretudo na religião.

Este introito é necessário porque, a partir dos anos 1900, novas levas de trabalhos descreverão os guaranis, agora sob a égide das distintas parciaisidades atuais, os *mbyás*, os *ñandevás* e os *kaiovás*, cada qual se considerando o mais autêntico dos guaranis, embora reconhecendo o parentesco linguístico e cultural entre eles⁴ (SCHADEN, 1974).

A revisão bibliográfica das obras que tratam dos guaranis do final do século XIX aos meados do século XX já foi descrita em trabalho anterior (SOARES, 1997), ao qual cabe realizar a autocrítica. Se por um lado foram tomados como válidos os trabalhos etnográficos para a compreensão do sistema de parentesco, por outro ainda deve-se revisitar as analogias diretas, que “resgataram” da cultura material dos parentes culturais e linguísticos elementos

⁴ Outras autodesignações podem ser coligidas, veja Melià, Saul e Muraro (1987).

para compor a cultura material guarani, tendo como bom exemplo o trabalho de Métraux (1928) em sua “Culture Matérielle...”.

Ademais, o uso das analogias permitiu – a diversos autores - criar um monstro de sete cabeças, ao qual cada obra etnográfica serviu para compor parte da criação de um guarani hipotético, idealizado e anacrônico, face às inúmeras parcialidades descritas e/ou conhecidas pela mesma bibliografia, conforme nos relata Gatti (1985) e avaliadas anteriormente em Soares e Garlet (1998).

Estes guaranis, descritos a partir de suas parcialidades (identificadores étnicos atribuídos pelos próprios), puderam ser, finalmente, utilizados, sendo que, pela primeira vez, um componente êmico é adotado, ao contrário das centenas de anos de pejorativos éticos, no sentido antropológico. A partir daí, poderemos finalmente falar dos *Mbyás*, dos *Ñandevas* e dos *Kayorás*, muito embora estes termos também possam ser utilizados mais pelos outros do que na descrição própria: os *mbyás* preferem ser tratados como *avá jegnakáva tenondeguá*, ou “aqueles que primeiro foram adornados com o enfeite plumário de cabeça”, segundo Cadogan (1992).

Crítica ao uso dos dados etnográficos

Daí surge o problema que arqueólogos e historiadores enfrentam na utilização destes mesmos dados. Os efeitos das epidemias, endemias, redução de território e miscigenação não são tomados como elementos determinantes na composição das análises (NOELLI; SOARES, 1997a). Em se tratando da simplificação de termos relativamente ao parentesco, pode-se perceber a redução de mais de 50% do vocabulário utilizado para parentes, entre os séculos XVIII e XX (NOELLI; SOARES, 1997b).

Isto é fundamental para observar que, se a redução de termos de parentesco é notória, também infere-se a profunda mudança nas relações

sociais, como é o caso do *cuñadazgo*, do compadrio, dos grupos de trabalho e categorias de idade, remanescentes pálidos que são pouco identificados nos guaranis contemporâneos (SOARES, 1997).

Daí que o uso de analogias entre os guaranis atuais para interpretação dos etno-históricos e dos arqueológicos vem sendo tratado de maneira natural, embora redunde em uma falácia cultural. Talvez pela dinâmica pós-contato, muitas vezes as sociedades pré-coloniais foram consideradas passíveis de pouca ou nenhuma alteração significativa, em um eterno “presente etnográfico” (FAUSTO, 1997, p. 2) que encontra defensores no discurso da longa duração de Braudel.⁵

Por outro lado, é impossível admitir que, em períodos anteriores ao contato com os europeus, não houvesse parcialidades distintas, disputas por territórios ou trocas de objetos, impondo aos grupos um isolacionismo que os manteria “puros” até a chegada do “pomo da discórdia” branco. Ao mesmo tempo, a fragmentação das fontes históricas dilui estas informações, por desconhecimento, eurocentrismo ou mesmo insignificância desses dados para os objetivos de cada relato.

Então, a partir dos dados etnográficos, serão resgatados elementos que devem ter sido “duradouros”, indicando a continuidade do *habitus* précolonial, descartando ou descaracterizando as mudanças, ressignificações e ressemantizações que possam ter ocorrido.

Definindo os guaranis etnográficos

Propõe-se, para fins exclusivos deste artigo, que a utilização de dados etnográficos seja explícita dentro das fontes a partir do início do século XIX.

⁵ O conceito de longa duração é apropriado do conceito de Braudel pouco estudado em arqueologia, qual seja, a ‘longa duração’, da qual Hodder (1991, p.1-26) utiliza como parâmetro para análise de sociedades ágrafas.

As descrições, etnografias, compilações, bem como as relações nas quais é possível detectar a parcialidade ou grupo devem ser exaustivamente comentadas, apuradas e citadas. Assim, considera-se como guarani etnográfico aquele do qual é possível rastrear elementos como a parcialidade, local de registro, enfim, descrição de aspectos da cultura que o diferenciam de outros grupos de mesma língua, hábitos e outras informações que auxiliem a interpretação do guarani arqueológico. Sob pena de reconstruir um novo “frankenstein” guarani, é necessário que maiores níveis de refinamento permitam separar, ao menos no primeiro momento, as informações etnográficas das etno-históricas.

Em termos de arqueologia, deve-se lembrar que as etnografias são “instantâneos”, registros fotográficos que não significam, necessariamente, a realidade do grupo em questão. Longos ciclos naturais ou culturais podem ser omitidos por pesquisadores bem intencionados como, por exemplo, os ciclos de colheita de certas frutíferas ou passagem da adolescência à fase adulta. Assim, propõe-se que o uso dos dados etnográficos sirva para compreensão e suporte analógico da sociedade guarani, mas não em substituição dos dados arqueológicos, escassos e repetitivos. Além disso, se por um lado as etnografias dos guaranis do Paraguai são abundantes, até o momento é bastante difícil separar, mesmo nelas, o que é residual ou aquilo que resulta de adaptação, ressignificação ou ressemantização. Desta forma, dados etnográficos podem e devem ser explorados, mas situados espaço-temporalmente na busca de analogias que, dentro dos limites citados, sejam usados.

Arqueologia guarani

O mais irônico da arqueologia guarani inicia pela sua história. Um relato exaustivo poder ser apreciado por Noelli (1993), e neste caso vale à pena repeti-lo. O final do século XIX e o início do XX possibilitaram o aparecimento de uma

série de autodidatas e cientistas de diversas áreas que perceberam a ligação mais que aparente entre os vestígios arqueológicos e as sociedades indígenas.

Desencontrados e em número reduzido, os arqueólogos amadores descreviam as peças mais pelo seu fascínio estético que propriamente por seu valor arqueológico, entendido que o período era de amplo colecionismo em todo o mundo.

É no bojo deste pensamento que os museus investirão pesadamente na formação de coleções arqueológicas e a busca de artefatos para exposição permanece veladamente em diversas instituições. Em consequência disso, são conhecidos milhares de sítios arqueológicos guaranis, mas muito pouco de seu conteúdo.⁶

Neste sentido, aparecem as falhas e lapsos da arqueologia guarani, tomada, até hoje, como disciplina auxiliar da história, da etno-história ou da etnografia dos diversos grupos Guaranis. As escavações de sítios considerados Guaranis somam algumas centenas de metros, porém, mais das vezes isoladas em sondagens ou poços-testes, algumas centenas de metros de trincheiras e raras escavações controladas com plotagem tridimensional dos artefatos.

Isto redundava em um conhecimento sobre a sociedade guarani, do ponto de vista arqueológico, frágil, tênue, diminuto e circunscrito a poucas vasilhas e milhares de fragmentos de cerâmica. Embora com muitos detratores, o fóssil- guia “cerâmica corrugada” continua sendo o parâmetro para classificação de um guarani etéreo, inconsistente e ambíguo, no próprio sentido da cultura material, haja vista que os sítios com cerâmica são guaranis, os que apresentam líticos são intrusivos e os que apresentam outras cerâmicas são por troca, reocupação, abandono ou outra explicação qualquer.

O que se critica é o uso indiscriminado destes dados para períodos muito recuados no tempo, em face das datas apresentadas. Isso desconsidera

⁶ Sobre os períodos da arqueologia brasileira, ver Funari (1999b).

ou minimiza a dinâmica interna dos grupos, as diferenças entre eles, os aspectos ambientais como mudança climática, as questões sociais inter e extragrupoais, entre outros.

Não se afirma que os dados são inválidos. Eles apenas devem ser utilizados como modelos para sítios com datas do período histórico ou imediatamente anterior (séc. XIV e XV) que, no conjunto de datações publicadas, são a minoria. Funari e Zarankin consideram perigoso subordinar o estudo da cultura material aos documentos históricos, uma vez que estes são práticas discursivas que atendem interesses e motivações específicas.

En términos más generales, la propuesta de un discurso específicamente arqueológico permite evitar los peligros de acercamientos no adecuados para trabajar con cultura material. La materialidad de la evidencia arqueológica significa que no podemos sencillamente intentar adecuarla a las informaciones de las fuentes textuales antiguas, pues así estaremos distorsionando los datos materiales, para que confirmen discursos surgidos de las fuentes escritas. Al contrario, la cultura material constituye un elemento central de acción en el mundo (FUNARI; ZARANKIN, 2001, p. 506).

Em face disso, deve-se buscar, nos dados inteiramente arqueológicos, um tratamento arqueológico para a arqueologia guarani. Embora redundante, é necessário, pois vemos os tipos de dados que as outras ciências disponibilizam e a fragilidade do uso destas informações.

Alguns exemplos esparsos foram sumariamente descartados, pelo fato de não atenderem aos paradigmas de sua produção, como é o caso das sugestões de Miller e Brochado, em suas correspondências pessoais, referente à arqueologia do vale do rio Uruguai.⁷ Por meio dos levantamentos sistemáticos e das coletas aleatórias e totais, em diversos momentos buscaram-se “particularidades” na composição do material, como a predominância de alguns tipos específicos de tratamento de superfície inexistentes em outras áreas, como o penteado identificado no médio-alto Uruguai.

⁷ Correspondência depositada no Museu Diretor Pestana, Ijuí- RS. Datiloscritos.

Além disso, deve-se ter em conta que o desmembramento da tradição Tupi-guarani nas subtradições Guarani e Tupinambá seguiu critérios pouco conhecidos. Brochado (comentário pessoal⁸ realizado em 20 out. 2001) afirma que a divisão baseou-se em critérios geográficos e históricos, haja vista a ausência de uma descrição farta da arqueologia dos grupos de língua Tupi no litoral Nordeste e Sudeste do país. Não podemos esquecer que a língua não representa, necessariamente, cultura e, ademais, filiação linguística não é, obrigatoriamente, parentesco. O uso da língua como demarcador de ‘povos’ tem suas raízes no século XIX, e deve ser tomado com extremo cuidado (FUNARI, 1999a; 2001), mesmo por que diferenças de língua não implicam em diferentes técnicas (o que caracteriza uma Tradição Arqueológica) nem condiciona que povos de línguas diferentes tenham a mesma cultura material.

As outras informações sobre os guaranis arqueológicos advêm de publicações científicas, infelizmente em sua maior parte descritiva, que “anexam” os dados arqueológicos as fontes históricas e etnográficas (SCHMITZ, 1991; SCHMITZ et alii, 1990; KLAMT, 1996, entre outros), concentrando os trabalhos em duas partes, onde a apresentação do material arqueológico segue as possibilidades de analogia histórica.

Crítica e sugestão para a arqueologia guarani

Desta forma, uma arqueologia “explicitamente” guarani, a partir dos dados arqueológicos, é praticamente inexistente, posto que se desconsideram, dentre outros elementos:

1. As diferenças espaciais: Scatamachia (1990) aponta diferentes formas de vasilhas da subtradição Guarani como grandes

⁸ Desde sua aposentadoria involuntária mantenho contato com o Prof. Brochado. Via de regra, são conversas em sua residência, de forma que é possível precisar a data exata de cada comunicação.

marcos geográficos, flutuações que podem indicar grupos distintos ou derivas culturais causadas por isolamento.

2. Diferenças temporais: as vasilhas, no seu conjunto, são tratadas de forma a-histórica sendo que, até o momento, não sabemos que são contemporâneas ou não, de produção local ou advinda de outras formas (troca, comércio etc).
3. Diferença de ambientes: embora considerados como agricultores de floresta tropical, o intervalo entre as datas mais antigas e recentes deve ser tomado com cautela sobre a permanência e continuidade do modelo florestal, considerando variações climáticas ocorridas nos últimos 2 mil anos.
4. As distintas altitudes (do nível do mar a mais de 700 m acima deste) e possíveis expansões-retrações da flora/fauna local.
5. As possibilidades de pesquisa em demografia, antropologia física, manejo agroflorestal, dentre outras.

Sendo assim, foram retomadas quase que ingenuamente as ligações entre os guaranis arqueológicos, os etnográficos e os etno-históricos, olvidando questões como expansão, guerras, migrações, ocupação de ambientes diversos, distância temporal e suas consequências.

Não pretendo fazer “terra arrasada” da arqueologia guarani. Se por um lado a teoria arqueológica se pauta pelo pós-processualismo em outros lugares, no Brasil a arqueologia guarani ainda não se desvinculou do histórico-culturalismo, quando muito revisitando o determinismo ecológico e/ou cultural (cf. FUNARI, 1999a; 2000).

Por uma arqueologia guarani

Cabe, num primeiro momento, para manipulação dos conceitos e uma tentativa de definição, utilizar o termo “arqueologia guarani”, que pretendo: a) subtrair um conceito de denominação étnica, por ora, uma vez que instâncias de influências culturais (‘guaranização’), flutuação de território e contato interétnico são impossíveis de delimitação no momento; b) considerar que o compartilhamento da língua Guarani NÃO seja o único demarcador para tratar de sociedades Guaranis: em trabalho anterior (SOARES, 1996; 1997) mostro as possibilidades de guaranização de grupos não-guaranis e imposição de língua, cultura e *ethos*. Isto reforça o cuidado entre a associação língua-cultura material; c) considerar os aspectos resgatáveis destas sociedades, qual sejam, os artefatos, ecofatos, biofatos e artefatos, aqui representados por ambiente, implantação/alterações no meio, objetos produzidos/utilizados, solo de ocupação e vestígios bio-antropológicos passíveis de análise.

Fatores pouco explorados na Arqueologia como um todo, como as guerras, migrações, contatos interétnicos, impossíveis de serem considerados pelas sondagens e poços-testes realizados. O que se percebe é que artefatos atribuídos a Tradições diferentes no mesmo nível artificial são tomados como comércio, descartando-se contextos mais amplos e perturbação dos sítios. Para uma definição destes elementos, escavações amplas, contextos bem definidos, análises petrográficas e de assinatura química (para a argila) e de origem geológica (para os líticos) são necessários para estabelecer a origem dos artefatos. Conjuntos de datações, ao invés de uma ou duas por sítio, poderão indicar reocupação/abandono imediato, para o caso de guerras, associados à transição de Tradições arqueológicas distintas, mas bem conhecidas; contatos interétnicos devem ser analisados pelas coleções ósseas de indivíduos, por meio de análise genética, já existente no Brasil; não podemos esquecer que, no mais das vezes, a escavação é realizada primeira e a teorização depois: daí que

primeiro se escava e depois se estabelecem os problemas, invertendo a lógica da pesquisa arqueológica.

Ao mesmo tempo, é impossível negligenciar os dados históricos, etno-históricos e etnográficos existentes; Deseja definir a Arqueologia Guarani, por ora, por meio dos seguintes parâmetros: 1) conjunto de artefatos líticos e cerâmicos, sendo possíveis encontrar sítios arqueológicos Guaranis sem cerâmica, qual sejam: locais de extração de matérias-primas (lítico, argila etc); 2) ausência de padrão de implantação geomorfológico. Há assentamentos em encostas e topos de colinas suaves (RS, PR, SC, SP) e em larga escala em várzeas de grandes rios (em toda área de ocupação Guarani), mas também próximos a afluentes; distância entre 300 m e 10 km dos grandes cursos d'água, mas nunca a menos de 100 m. Desta forma, determinar um padrão de ocupação geomorfológica entre os Guaranis é absolutamente impossível; 3) predomínio das formas fundas sobre as rasas⁹, de seção tronco-cônica, de boca redonda ou arredondada, fundo arredondado para vasilhas pequenas e cônico para as médias e grandes; presença de bordas extrovertidas e em ângulo, com vários ombros nas tigelas de beber e talhas; 4) pintura externa nas tigelas de beber (cambuchi caguaba) e talhas (cambuchis), acima do diâmetro máximo, geralmente acima da metade da altura. Podem ocorrer pinturas internas em pratos (ñaembé ou ñaembiru), de dimensões pequenas (até 20 cm de diâmetro); número limitado de pratos rasos, e embora citado no dicionário de Montoya, a presença de assadores (ñamopiû) rasos ou planos é praticamente inexistente, levantando a hipótese da não-fabricação de farinha de beiju ou era realizada em tigelas (ñaetás) (cf. NOELLI; TRINDADE; SIMÃO, 1997 [2000], p.5).

Estas definições são provisórias, mas necessárias, principalmente porque atendem um problema específico, qual seja a delimitação, até a

⁹ Para a discussão sobre estes termos, ver: (SCATAMACHIA; CAGGIANO; JACOBUS, 1991, p. 90) e (NOELLI; TRINDADE; SIMÃO, 1997 [2000]).

realização de pesquisas arqueológicas sistemáticas, do que vem a ser a arqueologia Guarani, em oposição principalmente à sua aparentada tupinambá, seja por terem sido enquadradas em Tradição Tupiguarani pelo Pronapa, seja porque a região, como fronteira cultural, apresenta influências de ambas, sendo necessário um ponto de partida para a classificação em uma ou outra “área cultural”.

Desta forma, segue-se a proposta inicial deste artigo, de construir ou desconstruir um denominador comum entre os Guaranis Históricos, Etnográficos e Arqueológicos: a) há a continuidade entre os Guaranis históricos e pré-históricos, mas deve-se tomar certas precauções contra o uso indiscriminado do parentesco e filiação linguística para a caracterização de uma sociedade arqueológica: b) técnicas, língua ou mesmo cultura podem ser compartilhados por povos distintos, não necessariamente oriundos de um tronco étnico ou cultural idêntico; c) desta forma, a arqueologia Guarani, conhecida por meio da descrição etno-histórica, deve ser utilizada sem atrelamento a uma língua ou povo específico, em se tratando de períodos recuados no tempo.

Em se tratando de datas históricas, as analogias devem ser perseguidas, mas observando-se as particularidades locais, nos quais os modelos de reconstrução de formas, de dieta ou alimentação devem ser revistos tendo em vista as fontes históricas locais e regionais. Define-se uma Arqueologia guarani considerando a utilização de dados etno-históricos e etnográficos para os locais e períodos onde estas fontes são disponíveis, ressaltando as dificuldades de ampliação destas analogias. Mas o atrelamento direto entre a dispersão da língua e dos artefatos não caracterizam um grupo humano passível de associação direta.

Por fim, o objetivo não foi desestimular a forma como a arqueologia Guarani tem se desenvolvido, mas alertar para o uso que se faz das fontes

históricas e etnográficas, lembrando que, de forma ou outra, a documentação primária ainda são os artefatos, colocando a arqueologia em seu devido lugar, ao invés de complementar na produção de outra arqueologia Guarani. Os guaranis existiram, certamente, assim como existem: mas não se confunda o corrugado com a sociedade guarani, nem podemos nos apressar em afirmar que os habitantes dos sítios *falavam* Guarani. Certamente deve-se entendê-los como Guaranis, mas sem a pretensão de afirmar que todo falante de Guarani é Guarani. Diversos matizes devem ser colocados, pois a expansão e a diversidade das sociedades indígenas devem ser buscadas no passado, e esse é o papel da arqueologia. A complexidade destas, em tempos tão recuados, apenas confirma que não somos o ‘umbigo do mundo’.

Referências

- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philipe et al. *Teoria da Etnicidade*. São Paulo: Edunesp, 1998. p.187-227.
- BROCHADO, José Proenza. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica Amazônica. *Dédalo*. São Paulo, n. 27, p. 65-82, 1989.
- BROCHADO, José Proenza. A Tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *Clio*. Recife, n. III, p.47-60, 1980.
- BROCHADO, José Proenza. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America*. Urbana-Champaign, 1984. Tesis (PhD) - University of Illinois. Urbana-Champaign, 1984.
- BROCHADO, José Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. Anais do I Simpósio de Pré-história do nordeste brasileiro. *Clio*. Recife, série arqueológica n. 4, p. 85-88, 1991.
- BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. *Veritas*. Porto Alegre, v.35, n.140, p. 727-743, dez. 1990.
- CADOGAN, León. *Diccionario Mbya-Guarani Castellano*. Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. XVII. Asunción: CEADUC-CEPAG, 1992.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico do conhecimento etnológico. In: CUNHA, Manoela Carneiro (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Cia. das Letras, 1992. p. 381-396.

FAUSTO, Carlos. O conceito de cultura e o hiato entre disciplinas. In: *Anais do IX congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (1997)* [CD-ROM]. Rio de Janeiro: SAB, 2000.

FUNARI, P. P. A. Brazilian archaeology, a reappraisal. In: POLITIS, G.; BENJAMIN, Alberti (eds). *Archaeology in Latin America*. London/New York: Routledge, 1999b. p. 17-37.

FUNARI, P. P. A. Lingüística e Arqueologia. *Delta*. Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 15, n. 1, 161-176, 1999a.

FUNARI, P. P. A. Public archaeology from a Latin American Perspective. *Public Archaeology*. London, n. 1, p. 239-243, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo A.; ZARANKIN, Andrés. Algunas consideraciones arqueológicas sobre la vivienda en Pompeya. *Gerión*. Madrid, n. 19, p. 493-512, 2001.

GATTI, Carlos. *Enciclopedia Guaraní-Castellano de Ciencias Naturales y Conocimientos Paraguayos*. Asunción: Arte Nuevo Editores, 1985.

HODDER, I. *Reading the Past*. Current approaches to interpretation in archaeology. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

KLAMT, Sérgio. *A Tradição Tupiguarani no Médio Jacuí*. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 1996.

LIMA, Tânia Andrade. A Arqueologia na construção da identidade Nacional: uma disciplina no fio da navalha. *Canindé*: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Xingó, n. 9, p. 11-24, jun. 2007.

MEGGERS, Bety; EVANS, Clifford. A utilização de seqüências cerâmicas seriadas para inferir comportamento social. *Boletim Série Ensaios (LAB)*. Belford Roxo/RJ, n. 3, set. 1985.

MELIÀ, Bartomeu. *El Guaraní Conquistado y Reducido*. Ensayos de Etnohistória. Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 5. 2ª. ed. Asunción: CEPAG/UC, 1988.

MELIÀ, Bartomeu; GRÜNBERG, G.; GRÜNBERG, F. Los Pai-Tavyterã. *Etnografía Guaraní del Paraguay Contemporáneo*. Suplemento Antropológico. Asunción, v. XI, n. 1-2, p. 151-295, 1976.

MELIÀ, Bartomeu; SAUL, J.; MURARO, V. *O Guarani, uma Bibliografia Etnológica*. Santo Angelo: Fundação Pró-Memória, 1987.

MÉTRAUX, Alfred. *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris: Librairie Orientaliste, 1928.

MONTOYA, António Ruiz de. *Arte vocabulário, Tesoro y Catecismo de la Lengua Guarani*. Publicado nuevamente sin alteración alguna por Júlio Platzmann, 4 tomos. Leipzig: B.G. Teubner, 1876.

MÜLLER, Franz. *Etnografía de los Guarani del Alto Paraná*. Buenos Aires: Societatis Verbi Divini, 1989.

NOELLI, Francisco Silva. *Sem tekobá não há teko (Em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Jacuí -RS)*. Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 1993.

NOELLI, Francisco Silva; SOARES, André Luis R. Efeitos da conquista europeia na terminologia e organização social Guarani. *Cadernos de METEP*. Maringá, n. 8, p. 383-397, 1997b.

NOELLI, Francisco Silva; SOARES, André Luis R. Para uma História das Epidemias entre os Guarani. *Diálogos*. Maringá, v. 1, p. 165-178, 1997a.

NOELLI, Francisco Silva; TRINDADE, Jane Aparecida; SIMÃO, Ana Paula. Primeiras análises sobre a funcionalidade e a frequência da cerâmica de um sítio arqueológico Guarani da lagoa Xambrê – Paraná. *Anais do IX congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (1997)[CD-ROM]*. Rio de Janeiro: SAB, 2000.

OLIVEIRA, Jorge Eremites. Cultura Material e Identidade Étnica na Arqueologia Brasileira: Um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri'y. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, v. 10, n.1, p. 95-113, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, João Pacheco. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Maná*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, abr. 1998.

PALLESTRINI, Luciana. *Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo*. Coleção do Museu Paulista, Série Arqueologia (1). São Paulo: Museu Paulista, 1975.

SCATAMACHIA, Maria Cristina M. *A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá*: Fontes Arqueológicas e Etnohistóricas. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em História) – FFCLCH/USP, São Paulo, 1990.

SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. 3ª. ed. São Paulo: Edusp, 1974.

SCHMITZ, P. I. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. In: *Pré-História do Rio Grande do Sul*. Documentos (5). São Leopoldo: Unisinos, 1991.

SCHMITZ, P. I.; ARTUSI, L.; JACOBUS, A.; GAZZANELO, M.; ROGGE, J.; MARTIN, H.; BAUMHARDT, G. *Uma aldeia Tupiguarani*. Projeto Candelária, RS. Documentos (04). São Leopoldo: IAP, 1990.

SCHIAVETTO, Solange Oliveira. *A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Annablume, 2002.

SOARES, André Luis R. *Guarani: Organização Social e Arqueologia*. Série Arqueologia (4). Porto Alegre: EdPUCRS, 1997.

SOARES, André Luis R. *Organização Sócio-Política Guarani: Aportes para a Investigação Arqueológica*. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 1996.

SOARES, André Luis R. Os horticultores Guaranis: problemáticas, perspectivas e modelos. In: QUEVEDO, Júlio (org.) *Rio Grande do Sul: quatro séculos de História*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999. P. 61-101.

SOARES, André Luis Ramos. Arqueologia, História e Etnografia: o denominador Guarani. *Fronteiras*. Campo Grande, v. 7, n. 13, p. 31-61, 2003.

SOARES, André Luis R.; GARLET, Ivori. Parcialidades Guarani: Em busca de uma visão diacrônica. *Histórica. Revista da Associação dos Pós-graduandos em História da PUCRS*. Porto Alegre, n. 3, p. 53-58, 1998.

SUSNIK, Branislava. *Los Aborígenes de Paraguay*. Tomo II. Col. Etnohistória de los Guaraníes. Época Colonial. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1979/1980.

SUSNIK, Branislava. *Dispersión Tupi-Guarani Pré-Histórica*. Ensayo Analítico. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1975.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *L'origine touranienne des Américains Tupis-Caribes et des anciens égyptiens, montrée principalement par la philologie comparée; et notice d'une ancienne migration en Amérique, invasion du Brésil par les tupis*. Viena: Lib. I. et R. de Faesy & Frick, 1876.